

MASCULINIDADE E VIOLÊNCIA: UM ESBOÇO DAS MASCULINIDADES PERCEBIDAS NO MUNICÍPIO DE PALMITAL-PR E SUA REGIÃO

Data de aceite: 01/12/2023

Maria Gabrieli Miranda de Souza

<http://lattes.cnpq.br/0371520154668376>

RESUMO: O presente artigo tem como intuito problematizar as masculinidades presentes no interior do estado do Paraná, concentradas na região de Guarapuava e principalmente na cidade de Palmital. Esta cidade é caracterizada dentro das narrativas orais, com um passado de um lugar perigoso, pretende-se então problematizar além deste espaço, os sujeitos que o transformam como violento.

PALAVRAS-CHAVE: masculinidade; violência; região.

INTRODUÇÃO

Localizada na região Centro-Sul, a cidade de Palmital é um município brasileiro no estado do Paraná. Os dados do último censo de 2021 apontam para uma população de aproximadamente 12.755 habitantes, sua economia é baseada na agricultura e pecuária. Sua história iniciou-se em 1929 quando o comerciante Maximiliano Vicentin saiu de Campina do Simão em busca de novas áreas para a

criação de suínos e plantações. Ele junto com um grupo de 15 homens se infiltram na mata fechada, onde se fixam e denominam o local pela grande quantidade de palmito, formam um vilarejo pertencente ao distrito de Jujuiá (hoje Goioxim) da cidade de Guarapuava e se emancipam em 1961.

A cidade ali apresentada se aproxima de qualquer características de outros municípios de pequeno porte do estado do Paraná, mas as narrativas orais sobre Palmital a tornam de certa forma singular, pois a descrevem como uma cidade perigosa. Nas conversas banais do dia a dia é comum encontrar a sua população local ou de cidades vizinhas exaltando o passado da cidade, onde a população resolvia seus problemas à base de violência. Segundo as narrativas orais, brigas, tiroteios e homicídios eram rotineiros nesta cidade. É pensando nisso que este artigo pretende localizar estas narrativas a partir de entrevistas possibilitadas pela história oral sobre a cidade de Palmital no Paraná, na qual configuram as violências ocorridas e os agentes de tais ações.

Foram realizadas pesquisas jornalísticas em busca de fontes que apontassem esta questão sobre a violência de Palmital, no período de 1929 (desde a instalação do pioneiro Maximiliano Vicentim) até a década de 1980. Porém, foram pouquíssimas as manchetes que abordassem esta cidade, seja por ela se encontrar longe da cidade produtora e distribuidora do jornal (Guarapuava) como também ser um município jovem. Nestas pesquisas foi constatado um grande número de manchetes que abordassem atos de violência, principalmente atentados a vida e homicídios nas cidades vizinhas ou pertencentes a região Centro-Sul onde Palmital está enserida, e por conta disso nos possibilitou perceber uma homogeneidade nesta região, levando em consideração estes fatores sociais de violência. Para José d' Assunção Barros (2013), uma região:

“pode ser compreendida como uma unidade definível no espaço, que se caracteriza por uma relativa homogeneidade interna com relação a certos critérios. [...] Daí que a região também pode ter sua identidade delimitada e definida com base no fato de que, dentro dos seus limites, pode ser percebido um certo padrão de interrelações entre elementos específicos” (BARROS, 2013, p3).

Pensando a região como um pedaço de um espaço, e com certos padrões de inter relações, podemos interligar estes fatores de violência de Palmital com um espaço maior, o de sua região, pois a cidade possui relações econômicas e sociais com municípios vizinhos e principalmente com cidades possuidoras de polos de serviço, como é o caso de Guarapuava e Pitanga.

A partir desta constatação possibilitada pela pesquisa nos jornais, encontramos trabalhos na área da saúde que abordam a questão dos índices dos homicídios do Paraná. Elizabeth Lozada, Thais Mathias, Selma Andrade e Tirza Aidar (2009), fazem um estudo na área da saúde sobre os índices de mortalidade por homicídios no Paraná, concentrando seus estudos em homens, pois “como em todos os estados, no Paraná os homens de 15 a 49 anos estão mais expostos ao risco de morte por homicídios” (LOZADA, 2009, p 259). Os pesquisadores em seus resultados focam mais em questões voltadas aos espaços de violência em que esses homens estão localizados, como também pela falta de segurança pública e questões econômicas dos envolvidos, porém cabe a este artigo analisar as relações de gênero que constrói corpos aptos para atitudes violentas, sendo as masculinidades envolvidas.

O Paraná entre 1980 a 2004 cresceu o seu coeficiente em relação ao índice de morte por homicídio no Estado, de 14,1, sobe para 27,2 por 100 mil habitantes. Para uma visão mais completo do estado, Lozada (2009) faz um mapa¹ agrupando as 399 cidades em 22 Regionais da Saúde, estando Palmital dentro da 5ª Regional de Saúde de Guarapuava tento estes municípios também como sua área de abrangência: Boa Ventura de São Roque,

1 Mapa abaixo presente no artigo: LOZADA, Elizabeth Mitiko Konno de; MATHIAS, Thais Aidar de Freitas; ANDRADE, Selma Maffei de; AIDAR, Tirza. Tendência da mortalidade por homicídios no Estado do Paraná, segundo Regionais de Saúde, 1979 a 2005. Rev Bras Epidemiol, [s. l.], p. 258-69, 2009

Campina do Simão, Candói, Cantagalo, Foz do Jordão, Goioxim, Laranjal, Laranjeiras do Sul, Marquinho, Nova Laranjeiras, Pinhão, Pitanga, Porto Barreiro, Prudentópolis, Reserva do Iguaçu, Rio Bonito do Iguaçu, Turvo e Virmond. No mapa demonstrado abaixo feito pelos pesquisadores, mostra como estava distribuído dentro destas regionais de saúde os índices de homicídio no estado:

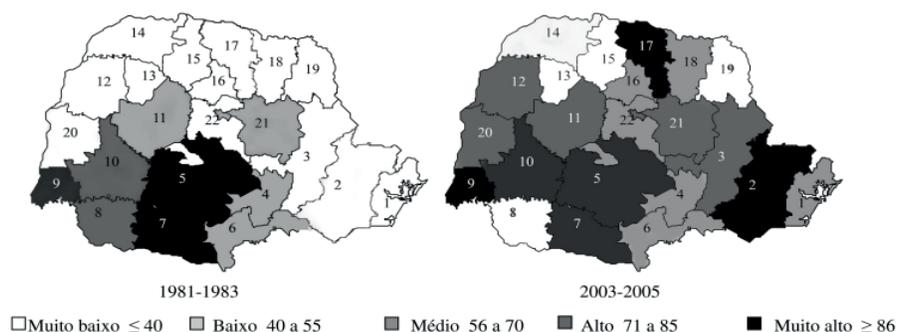


Figura 2 - Regionais de Saúde, segundo estrato dos coeficientes de mortalidade por homicídios entre homens de 15 a 49 anos. Paraná, 1981 - 1983 e 2003 - 2005.

Como é possível analisar as Regionais de Saúde de Guarapuava (5) e Pato Branco (7) no período da década de 1981-1983 apresentam índices muito altos de violência. No período de 1979 a 1997 o Paraná apresentava um índice de 38,7 óbitos por 100 mil habitantes, mas neste mesmo período de tempo a Regional de Saúde de Guarapuava apresentou coeficientes que iam de 79,3 á 87,9 óbitos por 100 mil habitantes, os números de coeficiente maiores de todas as Regionais de Saúde e um número muito acima da média do Estado, demonstrando que de fato esta região era violenta.

Os autores levantam algumas justificativas por esses índices tão altos, inclusive acima da Capital onde os centros urbanos de maiores proporções que eram configurados como locais de índices altos de violência e homicídio, e não o interior. Os estudos sobre as causas destes índices apontam que eles estão interligados com espaços que possuem carência na infra-estrutura (LOZADA, 2009). Ou seja, espaços com grandes desigualdades sociais, pois segundo dados do IPARDES, às Regionais de Saúde de Guarapuava, Pato Branco e Campo Mourão apresentavam nos períodos de 1970 a 1980, percentuais superiores a 30% do total de famílias em situação de pobreza (LOZADA, 2009, p 267).

Além disto é necessário destacar que este período da década de 1980 o Brasil ainda estava passando por uma Ditadura Militar, onde suas instituições estatais sofriam com as corrupções, tornando falho os poderes do Estado para com o bem-estar da população brasileira, como também um período marcado por uma grande estagnação econômica no país e uma inflação acelerada, tudo isso pode ser associado a uma “sensação de impunidade e injustiças”, onde os autores apontam ter ocasionado estes grandes índices de homicídio na Regional de Saúde de Guarapuava.

É claro que estes fatores como falta de segurança pública e crise econômica contribuem para atos de violência, mas outro fator também deve ser considerado: o gênero de quem perpetua estes atos. Utilizamos o conceito de gênero de Joan Scott (1990) por compreender que ele designa as relações sociais entre os sexos, não utilizando como distinção apenas o sexo biológico, mas compreendendo que as relações sociais, criam construções culturais na qual influenciam os papéis adequados para homens e mulheres. Segundo Scott:

Trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e de mulheres. “Gênero” é, segundo esta definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado. [...] uma palavra particularmente útil, pois oferece um meio de distinguir a prática sexual dos papéis sexuais atribuídos às mulheres e aos homens. (SCOTT, 1990, p. 75).

Os estudos de gênero surgiram primeiramente para estudar as condições femininas impostas sobre seu sexo. O termo gênero como Scott aponta, era no seu início usado para trocar a palavra mulheres, e focar seus estudos neste grupo, mas já em 1975, Natalie Davis afirmava que:

“deveríamos nos interessar pela história tanto dos homens como das mulheres [...] compreender a importância dos sexos, isto é, dos grupos de gênero no passado histórico [...] descobrir o leque de papéis e de simbolismos sexuais nas diferentes sociedades e períodos, é encontrar qual era seu sentido e como eles funcionavam para manter a ordem social ou para mudá-la” (DAVIS, 1975, apud SCOTT, 1990, p 72).

Os estudos sobre o gênero nos permite então perceber que as masculinidades e feminilidades são construções culturais e históricas, embasadas pela diferenciação dos sexos, sobre os papéis que são considerados de homens e mulheres. E outro fator que deve ser destacado dentro destas relações de gênero é as relações de poder impostas, onde as mulheres dentro desta visão polarizada de papéis sexuais envolta do seu gênero, nas relações de poder são submetidas na hierarquia de poder abaixo dos homens. Essas relações de poder baseadas no gênero, como aponta José Remon Tavares da Silva (2014) são constitutivas da organização social e fazem parte uma estrutura profunda, uma estrutura primária de poder mantida intencional e deliberadamente pelos homens, o chamado patriarcado. Este sistema de opressão possui mecanismos complexos, “todo um conjunto de crenças, ideias e representações difusas que escamoteiam as relações de poder que as engendram, naturalizando-as” (SILVA, 2014, p 2805).

Além do patriarcado exercer o poder pela utilização da violência física propriamente, esta dominação do gênero como aponta Pierre Bourdieu também é uma dominação simbólica. Segundo o autor a dominação masculina:

“encontra [...] reunidas todas as condições de seu pleno exercício. A primazia universalmente concedida aos homens se afirma na objetividade de estruturas sociais e de atividades produtivas e reprodutivas, baseadas em uma divisão

sexual do trabalho de produção e de reprodução biológica e social, que confere aos homens a melhor parte, bem como nos esquemas imanentes a todos os habitus”(BOURDIEU, 2017, p54).

Estes habitus segundo o autor constitui aos agentes modelos que são incorporados sobre os modos de se pensar, agir e sentir, partilhados universalmente para a elaboração de práticas concretas. Essa força simbólica que Bourdieu (2015) afirma “é uma forma de poder que se exerce sobre os corpos”², inclusive sobre aqueles dominados, pois a naturalização do mundo físico é simbolicamente uma construção social, como o autor aponta, não é uma construção intelectual individual, a violência simbólica é resultante de um poder, inscritos nos corpos dos dominados “sob formas de esquemas de percepção e de disposições (a admirar, respeitar, amar etc.) que o tornam *sensível* a certas manifestações simbólicas do poder” (BOURDIEU, 2017, p 63).

Para a manutenção da dominação da violência simbólica ocorre um incessante processo, onde agentes específicos contribuem, sejam os dominadores por meio da violência simbólica ou da força física, ou dos dominados que colaboram considerando naturais estas formas de poder, como também de instituições, o âmbito familiar, a igreja, o Estado, a escola, os meios sociais daquele grupo estudado vendem uma postura dos papéis sexuais daquele grupo, como também das suas hierarquias de poderes.

É a partir disso que podemos começar a pensar a masculinidade nos discursos no interior do Estado do Paraná. Os processos de construção da masculinidade são atravessados por questões que envolvem a violência, é pela existência dessa hierarquia de poderes, para a continuação deste sistema de opressão do patriarcado que se necessita de um ser específico, “dotado de capacidade de exercer a violência: o homem, o masculino, ou o macho”(SILVA, 2014, p 2805). É importante também destacar que além desta hierarquia de gênero entre homens e mulheres, também há hierarquias entre homens e homens³ sejam por questões raciais, econômicas, étnicas, sociais como também culturais. Mas mesmo dentro desta hierarquia quando se trata da relação entre homens e mulheres Silva (2014) nos mostra que:

Há solidariedade entre os homens apenas na medida em que compartilham de valores e crenças quanto a sua supremacia (porque os homens não compartilham seus sentimentos, angústias e medos, com o receio de expor suas fraquezas) (SILVA, 2014, p 2805).

E esse tornar-se homem reprimindo seus sentimentos e desencadeando ações violentas como aponta Bourdieu (2017) também transforma os homens em “prisioneiros”, “e sem perceberem, vítimas, da representação dominante” (BOURDIEU, 2017, p 74). Um ponto importante que deve-se destacar é que não existe apenas uma masculinidade universal, existem masculinidades.

2 (BOURDIEU, 2017, p 60).

3 E pensando nesta mesma lógica, também ocorre as hierarquias de gênero onde as mulheres sejam consideradas socialmente acima de homens, como mulheres brancas, com grande poder econômico acima de homens negros e pobres.

As masculinidades como já foi apontado na construção dos gêneros são construções sociais, não são vistas como essências místicas ou biológicas⁴. Raewyn Connell em seu texto “Política da Masculinidade”⁵ nos aponta que os círculos sociais onde os homens estão inseridos moldam suas atitudes, e compreensões do que é ser um homem, como local de trabalho, ambiente familiar, enfim seu círculo social. Esta visão, como a autora aponta, é uma leitura convencional, não de toda forma errada, mas devemos salientar que os homens escolhem vestir essa “roupagem” de conduta, de se apropriar das características frequentes de homens que a sociedade de seu meio prega.

Connell juntamente com James W. Messerschmidt trabalha com o conceito de Masculinidade hegemônica, ou seja dentro destas múltiplas masculinidades, existe uma hierarquia onde um certo tipo de masculinidade se sobressai no seu contexto, seja ele nacional, regional ou local. Mas estas configurações de uma masculinidade hegemônica não quer dizer que de fato na vida diária exista um homem com todos esses padrões. Segundo os autores:

“A masculinidade hegemônica regional da forma a um sentido e realidade masculina em nível societal amplo - opera no domínio cultural [...] Uma masculinidade hegemônica regional fornece, então uma estrutura cultural que pode ser materializada nas práticas e nas interações cotidianas” (CONNELL, 1990, p 267).

Pensando a partir disso, como seriam então as masculinidades presentes culturalmente na cidade de Palmital, mas também em sua região? Já que a masculinidade hegemônica cria padrões culturais, onde os homens escolhem vestir certas roupagens para se comportarem, como também de valores sobre o que consideram certo ou errado.

Para compreendermos essas masculinidades no interior de Palmital, utilizamos as narrativas possibilitadas pela História Oral. A partir de Verena Alberti (1989) a utilização da história oral nos permite “reconstituir a História através de suas múltiplas versões” (Alberti, 1989, p. VIII). Com uma metodologia qualitativa como também quantitativa reúne diversas narrativas de moradores considerados “antigos” de Palmital. Participaram das entrevistas tanto homens como mulheres com idades acima de 50 anos. Como a violência é um tema sensível, e a cidade interiorana onde todos se conhecem, os nomes dos participantes não serão divulgados.

A historiadora Kety Carla March⁶ em sua tese, estuda processos criminais das comarcas de Guarapuava e Curitiba, que abordam questões violentas tanto de homens culpados e vítimas, com o intuito de analisar a formação das masculinidades nestes processos. E ela nos aponta que na década de 1950 nos processos em que ela analisou

4 KIMMEL, S. Michael. “A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas”. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 4, n. 9, p. 103-117, out. 1998 <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-7183199800020000>

5 Raewyn Connell é uma socióloga transexual, e alguns dos seus textos ainda estão com seu nome de nascimento: Robert W. Connell.

6 MARCH, Kety Carla de. “Jogo de luzes e sombras”: Processos criminais e subjetividades masculinas no Paraná dos anos 1950. Orientador: Dr^a. Roseli Terezinha Boschilia. 2015. 306 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.

a violência “fazia parte da normalidade da vida cotidiana como elemento de regulação” (MARCH, 2015, p24). E dentro das narrativas orais, isso também faziam parte onde hoje é o município de Palmital, pois como aponta B., Palmital possuía uma “fama”, e que para essa narrativa chegasse em outras localidades e cidades, de fato a violência era recorrente neste espaço, como ele aponta:

“Naquele tempo que nem, você já ouviu falar que o Palmital é um lugar muito mal falado, os caboco brigavam e matavam o outro né, e aquele tempo podia andar armado, revorvão, chegavam numa luta ali, já viam bêbado ali, qualquer coisa atiravam em um né, quantas pessoas não mataram ali, pra fora era o lugar mais mal falado, era o Parmitá.”⁷”

Pensando nisso como um espaço violento, Katy de March, ressalta sobre as nossas concepções do que é considerado violência hoje e na década de 1950 no Paraná. Hoje, por exemplo, enquadramos como violência ações verbais, psicológicas e físicas, enquanto que nas dinâmicas sociais da década de 50 poderiam não serem consideradas como violência. Um outro exemplo que a historiadora utiliza é sobre o posse de armas:

As armas, que naquele momento poderiam funcionar como espelho da masculinidade/virilidade de quem as carregava, hoje nos trariam desconforto, insegurança e, seguramente, o indivíduo que estivesse armado - com exceção dos representantes da força legal do Estado - seria contraposto à masculinidade hegemônica. Essa arma, que antes era símbolo de confiança, agora passou a ser considerada como um símbolo de violência para com os demais membros do grupo. Nosso olhar se modificou (MARCH, 2015, p 25).

Dentro das narrativas orais, quase todos os entrevistados afirmavam sobre a população andar armada com armas de fogo, mas também os homicídios eram causados com armas brancas como facas e foices, que eram utilizadas no trabalho rural, pois para as cenas de conflito e o objeto utilizado para a violência dependia do local onde estes estavam, sejam em pontos de sociabilidade, como bares ou festas, ou em casa e nas lavouras. Em uma entrevista por exemplo, F. narra uma experiência que ele ressalta que viu com os próprios olhos:

“Eu to pra contar outra história. Esse que eu vi, então eu trabalhava com esse meu cunhado e era solteiro, e tudo a vida eu carregava uma faquinha e tinha um baile nos tais italianos, daí eu tava indo no baile, e tinha um velho conhecido nosso, até depois foi padrinho de casamento nosso, o Joaquim Nunes de Camargo, conhecido por Joaquim Catarinense. Cheguei no bar dele “escuite, ta indo no baile?” “To”, “Ta levando faca?” digo “To levando faquinha”, “ta aqui na minha bolsa”, “deixa aqui, porque tá um polícia”. Pois veio um polícia com o inspetor, e era o tar dos Mirindo, e vieram aí no baile e tinha bastante gente armado, mas fizeram uma rapa, uma rapa, e só um polícia. [...] quem chegava lá, já revistavam, e tiravam faca, revolve, o que for.

No outro dia, eu vi eles saíram a cavalo, eles andavam a cavalo, dois sacos, um do lado e outro do outro, cheia de de ... amarrado esses sacos, feito uma mala, cheia de revólver, faca, facão.”⁸”

7 Entrevista concedida por B. R. Entrevista I [01.2023]. Entrevistadora: Maria Gabrieli Miranda de Souza. Palmital, 2023.
8 Entrevista concedida por F. P. Entrevista II [03. 2023] Entrevistadora: Maria Gabrieli Miranda de Souza. Palmital, 2023.

Esta narrativa nos permite perceber dois elementos importantes: o primeiro sobre a polícia indo revistar no baile, já com o intuito de evitar conflitos, pois como nos demonstram as narrativas, os pontos de sociabilidade das pessoas que se encontravam e bebiam como bares e festas, acabava favorecendo para as relações conflituosas, o segundo é que alguns dos próprios entrevistados, sendo os homens neste período também possuíam armas, ou para se protegerem, ou para utilizar em caças. Em outra entrevista, M. nos indica que por conta deste armamento da população, ocasionava estes conflitos e homicídios:

“O povo andava tudo armado né, e com pouca coisa já pegavam a arma, já sacavam e atiravam no outro, tacava faca daí saía pra aqueles bailes do interior dava briga ali, já danava a bebe, já se metia em briga com o outro e era aí que dava as confusões na época. Era assim.”⁹

As narrativas da população andar armada foram encontradas em diversas entrevistas, e onde muitas delas, isso não era questionado. Alguns entrevistados chegavam sobre estas histórias espontaneamente. A entrevistada, J. também descreve lembranças dela em uma festa de casamento:

“daí iam casar, no outro dia já encilhava os cavalos, iam na igreja casavam já, daí os noivos e os convidados, as mulher e os homens tudo de revorvão na cinta e faca, é, (risos) nós peguemos o tempo, revorvão na cinta, e faca e foguete veio é pow. [...] aquela época se não andasse assim com um revorvão na cinta não era homem, tinha que pra ser homem tinha que ... ó ignorância né?”¹⁰

Essa visão de J. vai de encontro com que March (2015) nos levanta a questão sobre a ligação do armamento à virilidade, os homens necessitavam do objeto para se sentirem “machos”, além de que o objeto trazia um certo tipo de poder para aquele que o carregava. Como March (2015) coloca, o armamento dos homens guarapuavanos nas décadas de seu estudo (1950) ainda se perpetua com continuidade em vista dos índices de mortalidade das Regionais de Saúde compostas no mapa apresentado acima, homens armados ainda eram cenas comuns nos períodos de 1970-1980 na Regional de Saúde de Guarapuava. Mas falando em virilidade, o que isso seria na prática? Segundo Pierre Bourdieu (2017) a virilidade:

“é um princípio indiscutível de todos os deveres para consigo mesmo, o motor ou móvel de tudo que ele *se deve*, isto é, que deve cumprir para estar agindo corretamente consigo mesmo, para permanecer digno, a seus próprios olhos, de uma certa ideia de homem” (BOURDIEU, 2017, pg 73).

Muitos dos casos dos homicídios tratados por March (2015), como também aqueles apresentados nas narrativas orais dos moradores de Palmital, foram causados por questões relacionadas por disputas, discussões onde nenhum lado das partes cediam. Um homem que não tivesse coragem de enfrentar, ou que levava desaforo como aponta J. não era

9 Entrevista concedida por M. Entrevista VI [07. 2023] Entrevistadora: Maria Gabrieli Miranda de Souza. Palmital, 2023.

10 Entrevista concedida por J. G. Entrevista III [07.2023] Entrevistadora: Maria Gabrieli Miranda de Souza. Palmital, 2023.

considerado homem, logo, aquele que o ofende deveria ser encarado, pois se fugisse da situação, era tido como covarde, “perdia seu respeito”, ou propriamente sua condição de homem, sendo ferida a sua virilidade.

A virilidade para Pierre Bourdieu (2017) pode ser entendida tanto pela sua capacidade reprodutiva sexual e social (ligada a bens materiais), mas também como ele aponta ao combate e ao exercício da violência. E ainda possui este aspecto de que a virilidade “tem que ser validada pelos outros homens”, por medo de perder a estigma dentro do grupo e ser caracterizado por atos considerados femininos como ser frágeis, ferindo a sua honra e dignidade pessoal.

A masculinidade além de possuir essa questão da virilidade e da honra masculina, também é construído a influência aos homens de tomarem atitudes perigosas, sejam em situações de risco a vida, como também a coragem de enfrentar outros homens. Silva (2014) consegue sintetizar bem esta masculinidade:

“A masculinidade viril ou hegemônica requer que o homem não se mostre covarde, ou melhor, que se torne arrogante e imprudente; não leve desaforo para casa, respondendo qualquer agravo cometido contra ele com uma lição que imponha a sua autoridade; deve ser cioso de sua honra e reputação; deve manter a aparência de estar fisicamente apto, inclusive sexualmente sempre disposto; não deve admitir desvio da ortodoxia heterossexual, em si ou mesmo nos outros; deve sempre exercer sua autoridade; e tem com seus bens um zelo possessivo, que se estende a todos aqueles a ele subordinados. [...] Além disso, preso às rígidas expectativas do modelo hegemônico de sucesso financeiro e físico, o homem persiste numa contínua insegurança, sem paz interior.” (SILVA, 2014, p 2815).

Mas além destes conflitos serem causados nos pontos de sociabilidade como bares ou festas, um outro elemento também se faz presente nesses conflitos: a relação política da cidade. Quando entrei em contato com um entrevistado que foi vereador da cidade ele me disse que poderia fazer a entrevista, “menos se o assunto fosse política”. Palmital possui um histórico de mortes de prefeitos, e em algumas entrevistas, como a do senhor D. isso foi comentado:

E: E porque mudaram a estrada?

D: Problema político.

E: Aham, por briga, rixa?

D: é, rixa política.

E: Aqui tinha muito dessas rixas?

D: Tinha e tem até hoje, eu fiz uma pergunta esses dias, qual é o prefeito que tá vivo até hoje de Palmital? [...]

E: É, teve o Cecura que acabou assassinado.

D: É, o problema é o Cecura, problema do Guta, e problema e problema e problema.¹¹

11 Entrevista concedida por A. D. Entrevista V. [07. 2023] Entrevistadora: Maria Gabrieli Miranda de Souza. Palmital,

Sobre esta mesma questão, outra entrevista com T. também nos mostra essa relação conflituosa em rixas políticas: “só que Palmital morreu bastante gente por causa de política né, era muita confusão por causa de política, então assim como morreu bastante prefeito né .. prefeito ali que deu uns 3 ou 4 que foram assassinados né, por causa de briga política. Quando questionado sobre o assassinato do prefeito Cecura, ele lembra de mais duas outras: “teve mais morte de prefeitos, tinha acho o falecido Guta, que foi assassinado, que foi prefeito o Israel Martins também foi morto.”¹²

Mas além destas motivações, há outras como aquelas pontuadas por V. questionadas por sua filha:

A: E por que será que tinha tanta violência aqui pai? Por que eles se matavam quando o pai veio pra cá?

V: Por causa de divisa de terreno. E depois outra, por causa de mulher, um queria a mulher do outro, e às vezes a mulher era culpada e volta e meia tinha briga.

Em outra entrevista, quando questionada sobre as motivações das violências ocorridas neste espaço, M. nos diz que elas aconteciam: “por causa de vingança, por causa de conta, por causa de ... é ... já digo, mulher, porque toma a mulher do outro. Vai o outro [no sentido de defender sua virilidade] e ó, da tiro véio”¹³. Como podemos perceber, muitos dos crimes eram causados quando se havia uma disputa de poder e de concepções ideológicas, onde a ignorância pode ser percebida, como também a relação de posse de algo, seja sobre a propriedade ou um bem material, como também a própria relação com a esposa, namorada ou mulher desejada, pois nesta estrutura patriarcalista que vivemos e principalmente nesta sociedade com traços conservadores, a mulher é vista como um objeto de posse que pode ser disputado. Outro ponto também importante é a vingança, obviamente as entrevistas não nos demonstram todas as motivações de qualquer ato de violência, porém em casos de roubo, difamação, provocação faziam com que os homens não “superassem” o seu ego ferido, indo jurar vingança contra aquele que de alguma forma o desacatou, como também um de seus familiares.

Pensando nessas questões envoltas das masculinidades a respeito dessa violência March (2015) nos aponta que os homens eram as principais vítimas neste período, não apenas envolvendo questões de gênero como era o caso das violências sofridas pelas mulheres, mas por estarem também sempre no espaço público. Ela nos destaca pelos estudos feitos por Silva (2010) apud March (2015), que Guarapuava era na década de 1950 conhecida no estado como “cidade dos bandidos”, pelo seu número elevado de crimes indo de encontro com os dados apontados no mapa¹⁴ acima. Ela percebe que nos processos

2023.

12 Entrevista concedida por T. Entrevista VI [07.2023] Entrevistadora: Maria Gabrieli Miranda de Souza. Palmital, 2023.

13 Entrevista concedida por M. P. Entrevista II [03. 2023] Entrevistadora: Maria Gabrieli Miranda de Souza. Palmital, 2023.

14 (LOZADA, 2009, p. 263)

criminais os sujeitos ali envolvidos em atos de violência eram na maioria jovens e pobres, o que corrobora com as conclusões de Lozada (2009) das Regionais de Saúde do Paraná, onde as regiões que apresentavam índices altos de violência também eram locais mais pobres. Sobre isso March (2015) nos mostra que:

“A maioria dos acusados nas duas comarcas fazia parte de classes subalternas da sociedade. Isso não significa que a masculinidade vivenciada por eles fosse a única amparada na violência, mas que as condições em que viviam permitiam mais momentos de reorganização social. Muitos deles eram trabalhadores assalariados insatisfeitos com sua condição financeira. Assim, poderiam se sentir abaixo das expectativas sociais e, quando confrontados pela ineficiência em se manterem provedores e chefes da sociedade conjugal, poderiam agir com violência na reconstrução do espaço normativo, ou era assim que justificavam suas ações diante da Justiça” (MARCH, 2015, p39).

Podemos então perceber semelhanças com os discursos da cidade de Palmital e como as fontes que nos mostram a região em que a cidade pertence com altos índices de homicídio. Além disso, o trabalho da historiadora Katy de March (2015) nos mostra como a cidade de Guarapuava possuía uma masculinidade voltada para a violência, incluindo Palmital pois é uma das várias cidades que se desmembra dos grandes campos de Guarapuava.

CONCLUSÃO

Levando em consideração os aspectos da construção da masculinidade envolta da relação com a violência, podemos concluir para estudos de uma região que é dada com um passado perigoso, que além de estudar os fatores das violências da região sejam elas causas por questões políticas, culturais, sociais ou econômicas a masculinidade também deve ser pensada como fator. Os homens não se enfrentariam em situações que poderiam ser levados à morte, sem que não houvesse dispositivos acerca da sua concepção de homem que promovem determinadas ações, envoltas de defender a sua honra e a sua posição de homem no mundo.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **História Oral: a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1989.

ALBERTI, Verena. **Ouvir e Contar: Textos em História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **O objeto em fuga: Algumas reflexões em torno do conceito de região**. Fronteiras, Dourados MS, v. 10, p. 55-67, 2008.

CONNELL, Robert W. MESSERSCHMIDT, James W. **Masculinidade hegemônica: repensando o conceito**. Estudos Feministas, Florianópolis: janeiro-abril/2013.

CONNELL, Robert W. **Política da Masculinidade**. Educação & Realidade. Austrália: 1995.

ALMEIDA, Fábio Chang de. O historiador e as fontes digitais: uma visão acerca da internet como fonte primária para pesquisas históricas. **Aedos**, Porto Alegre, v. 3, n. 8, p. 10-30, 2011.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina: A condição feminina e a violência simbólica**. Tradução Maria Helena Kuhner. - 5ª ed. - Rio de Janeiro: BestBolso, 2017.

BARROS, José D'Assunção. Espaço, território, região - Pressupostos metodológicos. **Tempos, Espaços e Representações** : Abordagens geográficas e históricas, [s. l.], p. 1-22, 2013.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise**. Educação & Realidade, [s. l.], v. 15, 1990.

MARCH, Kety Carla de. "**Jogo de luzes e sombras**": **Processos criminais e subjetividades masculinas no Paraná dos anos 1950**. Orientador: Drª. Roseli Terezinha Boschilia. 2015. 306 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.

SILVA, José Remon Tavares da. **Masculinidade e violência: formação da identidade masculina e compreensão da violência praticada pelo homem**. 18ª REDOR: Perspectivas Feministas de Gênero: Desafios no Campo da Militância e das Práticas, Recife - PE, p. 2802-2817, 2014.

LOZADA, Elizabeth Mitiko Konno de; MATHIAS , Thais Aidar de Freitas; ANDRADE , Selma Maffei de; AIDAR , Tirza. **Tendência da mortalidade por homicídios no Estado do Paraná, segundo Regionais de Saúde, 1979 a 2005**. Rev Bras Epidemiol, [s. l.], p. 258-69, 2009.

KIMMEL, S. Michael. "**A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas**". Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 4, n. 9, p. 103-117, out. 1998 <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-7183199800020000>